

O MANDARIM: ANÁLISE DA ESTRUTURA DA NARRATIVA E DO REALISMO NA OBRA DE EÇA DE QUEIRÓS

SILVA, Danielle Santana.

Dani_barao@ibest.com.br

SOUSA, Jeane de Oliveira.

jeanedeoliveiras@hotmail.com

MENEZES, Lucélia Taveiros.

luceliataveiros@hotmail.com

RESENDE, Márcia Albuquerque de.

ma.resende31@hotmail.com

SANTOS, Clodoaldo Messias dos. (Orientador)

Graduado em Letras Português/Inglês, Especialista em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa, Professor do curso de Letras – Português da Universidade Tiradentes - UNIT.

Aldomessias@hotmail.com

RESUMO

José Maria Eça de Queirós, escritor português, nascido em Coimbra, inaugura a sua nova fase, já esboçada em 1881, com o conto “O MANDARIM”. O escritor passou a achar o método realista limitado demais para suas ambições literárias e decide criar um novo realismo. Este, que de certa forma vem “chocar”, pois os elementos utilizados vão além da imaginação dos escritores da época.

E é no realismo fantástico e no sobrenatural, que Eça de Queirós, busca inspiração para O MANDARIM. Sem abandonar seu estilo irônico e crítico da sociedade, o escritor faz nessa obra, uma análise contundente da hipocrisia e dos valores morais do ser humano, além de acrescentar uma pitadinha de novos elementos literários ligados diretamente ao sobrenatural.

PALAVRAS-CHAVE: O Mandarin; Eça de Queirós; Realismo; Fantástico; Sobrenatural.

O MANDARIM: ANÁLISE DA ESTRUTURA DA NARRATIVA E DO REALISMO NA OBRA DE EÇA DE QUEIRÓS

INTRODUÇÃO

O presente trabalho sobre o Realismo de Eça de Queirós visa analisar a estrutura da narrativa de sua obra, intitulada “O Mandarim”. Tem como objetivo, a análise da obra dentro do contexto do Realismo, fase que estava ligada intimamente ao momento histórico e que se preocupava com o presente, com o real. O trabalho também tenta mostrar a segunda fase realista de Eça de Queirós, que introduz dentre outros, elementos como o “fantástico”, “o imaginário”, “o sobrenatural”. Esses elementos foram inovadores porque se distanciavam totalmente da fase realista. Eça de Queirós introduz os elementos de forma autêntica e irreverente, recebendo várias críticas de outros escritores e de grandes estudiosos do gênero literário.

O trabalho proporciona a oportunidade de se aprofundar mais os conhecimentos a respeito do Realismo na obra O MANDARIM e sobre a segunda fase realista de Eça de Queirós. Além disso, fornece um certo gosto pela leitura prazerosa e de fácil compreensão, onde o imaginário predomina em toda a composição literária. Tenta também divulgar a importância dos diferentes elementos do Realismo, fazendo uma correlação entre as duas fases realistas. A primeira, onde o autor permanece com os elementos que compõem a fase: o real, o presente, o material; a segunda, dá ênfase ao sobrenatural, ao fantástico, e revela um autor “livre” das amarras realistas.

Apesar de todas essas abordagens discutidas nesse trabalho, ele não foi só elaborado e confeccionado para fins de análise e de curiosidades sobre o assunto focado. Ele também poderá dar suporte e várias contribuições no que diz respeito ao estudo da literatura brasileira. Alguns profissionais da área, estudantes do curso de Letras e áreas afins, poderão desfrutar de enfoques relacionados à obra de Eça de Queirós e de uma das importantes fases da literatura brasileira: O Realismo.

A análise da narrativa de *O Mandarim* focado sob a ótica do autor realista Eça de Queirós, é um trabalho que pode ser classificado como de pesquisa qualitativa do tipo bibliográfica, que para ser desenvolvido, foi discutido e dividido em capítulos no propósito de facilitar a compreensão e a organização das abordagens citadas ao longo de todo o texto.

1. CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL DO REALISMO

Durante o século XIX, muitas revoluções surgiram provocando mudanças nas idéias e no modo de vida das pessoas. Pode-se dizer que houve dois grandes acontecimentos: a Segunda Revolução Industrial, nascida na Europa com o apogeu na Inglaterra, caracterizada pela utilização do aço, do petróleo e da eletricidade no modo de produção e transportes. Isso acarretou o surgimento de grandes complexos industriais e o crescimento da população urbana, uma vez que, os camponeses migraram para as cidades em busca de emprego. Porém, os benefícios gerados pelo progresso industrial foram partilhados entre aqueles que detinham o poder de produção, enquanto que, as pessoas que trabalhavam sob condições sub-humanas foram excluídas dos lucros gerados e dos gritantes contrastes sociais.

Outro grande acontecimento importante dessa fase, segundo Afrânio Coutinho (Introdução à Literatura no Brasil, 1983, p.83), foi a revolução biológica desenvolvida por Charles Darwin, que colocou a biologia como fonte de estudo para melhor compreender o comportamento humano. A partir dessa perspectiva, Augusto Comte e Spencer, utilizaram-se da biologia para se introduzirem nas ciências sociais. Com isso, Biologia e Sociologia integraram-se na idéia de evolução. Foi dessa união, que o mundo passou a ser visto como um processo de crescimento e evolução obedecendo às leis dessas ciências.

Como resultado dessa fusão das disciplinas, surgiu a concepção darwinista que afirma que o homem age de acordo com as circunstâncias externas, independentemente da vontade e da razão.

Além da concepção evolucionista, surgiram outras concepções ideológicas como o positivismo de Comte, que se preocupou com o real-sensível, o fato, e defendeu a conciliação entre ordem e progresso, ou seja, o progresso material seria suficiente para eliminar os males sociais.

Assumindo “discretamente” as novas tendências e correntes, reflete também a situação político-social e econômica européia do século XIX. Sua temática mistura-se ao clima de exotismo atribuído à China, com algumas características presentes como a ambição, a ostentação, a luxúria, a hipocrisia e outras manifestações da sociedade portuguesa e européia.

Em suma, o século XIX foi marcado por várias revoluções, como a Industrial e a Biológica, que serviram de contribuição para as pessoas valorizarem em demasia as coisas materiais

2. VIDA E OBRA DO AUTOR

Em meados do século XIX, as grandes cidades inchavam sob o efeito da expansão da indústria. Na Inglaterra, a Revolução Industrial atinge o seu auge. Usufruindo as vantagens do progresso, uma cidade se destaca na Europa: Paris. Apesar de a Europa começar a viver aceleradamente o futuro, Portugal parece ancorado ao passado. Ele vive sem o brilho de Londres e Paris e adormece às margens do rio Tejo.

Nessa época, surge na portuguesa Coimbra uma brilhante geração de escritores, disposta a tirar Portugal do atraso e equipará-lo às nações mais avançadas da Europa. O país abraça o realismo e trava uma batalha com os românticos que foram os principais responsáveis pelo atraso. Entre os realistas, realça-se **José Maria Eça de Queirós** que tentou modificar o panorama cultural de seu país utilizando a palavra como sua principal arma. O curioso é que a vida de Eça de Queirós sempre foi marcada por um clima de romance.

José Maria d'Almeida Teixeira de Queirós e Carolina Augusta Pereira de Eça conceberam o menino antes do casamento, o que era inaceitável para a época. O mais agravante era que o pai de Eça de Queirós, um juiz de direito, bastante culto e que havia inclusive publicado poesia romântica, foi obrigado a batizar o seu filho às escondidas e de só reconhecê-lo oficialmente quando este tinha quarenta e dois anos de idade.

Eça de Queirós passou parte da sua infância com seus avós paternos. Jamais viveu com sua família e nem tampouco com seus outros irmãos. Aos dez anos de idade, depois da morte de seus avós, o pai o enviou para o colégio interno da Lapa, na cidade do Porto. O fato foi importantíssimo para o futuro e a carreira do jovem. Lá, Eça de Queirós conhece

Ramalho Ortigão. Foi Ramalho que lhe ensinou francês e desenvolveu em Eça uma verdadeira adoração pelos livros. Algum tempo depois, os dois escreveram, em parceria, o romance romântico “O Mistério da Estrada de Sintra” e “As Farpas”, um livro de crônicas políticas e literárias.

Com dezesseis anos, Eça de Queirós segue a carreira do pai e vai para a Faculdade de Direito de Coimbra. Até então, Eça de Queirós mostrava-se um jovem muito tímido. Preferia a boemia ao tédio da vida acadêmica. Era um aluno considerado medíocre. Na faculdade conhece duas personalidades que influenciaram bastante sua vida: Antero de Quental e Teófilo Braga. Um, foi o responsável pela divulgação da filosofia alemã e das doutrinas socialistas, o outro, tornou-se o primeiro presidente da República Portuguesa, historiador e crítico literário. A partir daí, Eça começa a ler Comte, Taine, Darwin, Renan que lhe darão bases ideológicas para seus romances.

O escritor começa a escrever obras à moda romântica. Aos vinte anos, já formado em Direito, parte para Lisboa. Lá, publica folhetins, uma espécie de telenovela dos tempos atuais, que serviam de passatempo para a burguesia ociosa. Pratica a advocacia sem sucesso. O seu pai, preocupado com a sua vida boemia resolve intervir e graças à ajuda de amigos, Queirós é convidado a dirigir um semanário na província. Faz tudo no jornal, escreve sobre política, agricultura e literatura. Apesar de ter sido curta a duração como diretor do jornal foi fundamental para que ele tomasse consciência dos problemas do país e se preparasse para dar um salto literário na sua vida.

Em 1869, viaja ao Egito e elabora o romance A Relíquia, que só foi publicado dezoito anos depois, em 1887. De volta da sua viagem, presta concurso e exerce a função de Administrador de Conselho. Sob o impacto do mundo atrasado, hipócrita dos padres, beatas e burgueses, começa a escrever ‘O crime do Padre Amaro’, lançado em 1871. Seu

romance mais polêmico e crítico, pois trata do celibato clerical e introduz ao mesmo tempo o realismo. Depois disso, lança os romances: O Primo Basílio em 1876 e os Maias em 1880, que só foi publicado em 1888, e alguns contos que pertenceram à primeira fase séria do escritor. Com 'O Mandarim' Em 1881, o escritor passa a achar o método realista limitado demais para suas ambições literárias. O Mandarim então é considerado fantástico, porque foge ao princípio da verdade.

Em 1885, aos quarenta anos, o escritor, cansado da vida solitária e desorganizada, se casa e tem quatro filhos com Emília de Castro Pamplona, uma velha amiga de infância. Dois anos depois, vai para o consulado em Paris e obtém uma nomeação de cônsul português na França. Queirós frequenta a alta sociedade e é respeitado por todos, mas infelizmente, há alguns anos vem sofrendo do intestino e já no começo do novo século, tem uma grave crise de saúde e vai para a Suíça em busca de tratamento. Sem resolver seu problema, retorna à Paris onde fica de cama e morre em 16 de agosto de 1900.

O romance O Mandarim de 1879, pertence à segunda fase realista do escritor Eça de Queirós. Nessa obra, o autor introduz o elemento 'fantástico', que foge ao princípio de verdade. Dessa forma, não se deixa limitar pelo método realista, que pressupunha que o romance fosse de tese e tivesse por base a realidade exterior.

O romance vai abandonar progressivamente os caminhos do Naturalismo e retomar algumas características que já se encontravam nos primeiros textos de Eça de Queirós, como o gosto pelo exotismo das paisagens e civilizações e o pendor alegórico e moralizante, características centrais da narrativa.

O Mandarim é antes um conto que uma novela, pois sua trama se concentra à volta de uma só personagem e a ação se reduz a um único acontecimento central, que implica

todos os desenvolvimentos posteriores. A idéia geral do texto é que o crime não compensa, independentemente de qualquer outra consideração.

A partir de uma análise mais completa da obra “O Mandarim”, do escritor português Eça de Queirós, percebe-se em sua estrutura de conto o jogo entre a fantasia (o fantástico) e a realidade

Vale lembrar que O Mandarim é a primeira obra relativamente extensa escrita em primeira pessoa por Eça de Queirós, e nos apresenta um lugar construído a partir de relatos de terceiros, de leituras e, principalmente, pela livre imaginação. Escrito a partir do “paradoxo do mandarim”, formulado em 1802 por Chateaubriand, pode-se observar como Eça abordou a questão da moral em seu texto.

3. ESTRUTURA DA NARRATIVA

Ao contrário das obras anteriores de Eça de Queirós, O Mandarim, mostra um alto grau de realismo “fantástico”, onde a figura do diabo tem uma participação ativa e os conflitos entre o homem e o sobrenatural se dão num ambiente criado pela própria imaginação.

Eça de Queirós busca através de um personagem simples e comum enriquecer toda a trama da história. O protagonista de O Mandarim, Teodoro, é um funcionário público, que tinha o nível médio e exercia a função de escrevente do Ministério do Reino de Lisboa. Ele vivia na pensão de Dona Augusta, viúva do Major Marques. Foi ela quem o apelidou de “Enguiço”, devido ao seu porte magro e curvado. Apelido, aliás, adotado pelos demais

moradores da pensão. O autor enfoca na obra estudada, como o dinheiro e o poder interferem bastante nas relações interpessoais, corrompendo-as. A insatisfação permeia grande parte do enredo da obra, não esquecendo é claro, do “paradoxo” do Mandarim, sinônimo de riqueza e poder, às vezes, pode produzir efeito contrário, gerando problemas, insatisfação, angústia e crise de consciência.

Teodoro tinha sonhos de riquezas, mas sabia que nunca seria rico. Primeiro porque recebia um mísero salário de 20 mil réis e por ver-se obrigado a curvar-se diante dos seus superiores no intuito de ter seus dias de folga assegurados.

As únicas saídas que ele tinha para conseguir alcançar sua felicidade era continuar apostando na loteria e pedir ajuda todas as noites à Nossa Senhora das Dores, pois apesar de incrédulo, rezava com uma litografia que ganhou da sua mãe quando ainda era pequeno.

Como gostava muito de ler, escolhia sempre livros com títulos ponderosos. Certa vez, numa dessas leituras, num in-fólio que ele comprou na Feira da Ladra, se deparou com uma proposta muito interessante e que tinha um certo ar diabólico. O in-fólio dizia o seguinte: se o leitor aceitasse tocar uma simples campanha, ele herdaria uma grande riqueza de um Mandarim da China. Ele nunca iria conhecer tal Mandarim, pois com o tilintar da campanha mataria o homem e a partir desse instante ele teria 106 mil contos de Réis, em dinheiro e títulos.

Teodoro pensou que seria uma alucinação, pois até as letras do in-fólio que ele continuava lendo pareciam diabinhos com rabo e tridente. Ele sentiu o seu corpo e toda a sua consciência sendo tomados por uma força que o empurrava para que aceitasse o sugerido. Tamanha foi essa pressão, que ele pensou ter visto a figura do diabo. Este que oferecia-lhe vinhos, roupas, casas mobiliadas, jóias, ouros e mulheres. Para isso, Teodoro

só teria que matar o Mandarim da China, apenas apertando aquela campanha. Teodoro aceitou. Nesse instante ele ouviu um barulho ensurdecedor que o deixou atordoado e ele pôde ver uma lágrima rolar da face do diabo.

Nos dias que se seguiram, Teodoro volta à rotina no Ministério do Reino de Lisboa, e passa agora a se interessar por assuntos ligados à China. Ele lia tudo sobre este país que o fascinava.

Uma bela manhã, um homem chamado Silvestre o acordou, curvou-se e o entregou um envelope com a herança do Mandarim Tin-Chin-Fú, o dinheiro e os títulos.

Os dias eram de "Sublime Teodoro". Mas ele continuava infeliz, apesar de tudo, de todo o ouro. Vivia espantado, pois toda vez que chegava em casa se deparava com a figura do Mandarim estirado pelo chão, ou em seu leito de ouro. O fantasma do Mandarim o perseguia e Teodoro vivia repetindo que precisava matar o morto. Em instantes, a consciência de que ele já tinha matado alguém o deixava num estado emocional lastimável. Pensava que talvez o Mandarim tivesse uma família, e que pelo momento, estaria sem dinheiro e pedindo esmolas. Então, decidiu ir à procura da família do Mandarim e ajudá-la. Viajou muito, saiu de Lisboa, passou pela China, Pequim, Tin-Tsin até chegar a Tung-Chou e nada encontrou. Pensou em dividir a sua herança para ser utilizada em prol da prosperidade da China, afim de que Tin-Chin-Fú se acalmasse e não lhe aparecesse mais.

Disseram-lhe que nada adiantaria e que era melhor que Teodoro atirasse ao povo, algumas dúzias de seus milhões e que se continuasse as aparições, deveria se suicidar. Houve então rumores de que haviam encontrado a família do Mandarim em uma cidade chamada Tien-Hó. Os habitantes eram muito pobres e descobriram que tinha chegado à cidade um estrangeiro com muito tesouro e então, intitularam Teodoro de “Diabo Estrangeiro”, que foi apanhado de surpresa pelo povo pobre que só queria dinheiro.

Ele, temendo morrer nas mãos do povo, correu desesperado, mas mesmo assim, foi alvejado com um tijolo que lhe rasgou parte de uma orelha. Em meio ao sangue, ele rogou a Deus fazendo orações e pedindo a sua salvação, e como que num passe de mágica, ele encontrou uma saída e se libertou das mãos daquela população. Momentos depois, Teodoro é encontrado por dois padres que o levaram para um certo tipo de convento. Lá, ele fica por algum tempo esperando a cicatrização dos ferimentos.

Passado mais algum tempo, há novos rumores da existência de outras duas supostas famílias do Mandarim, mas Teodoro lamenta, esbraveja contra Deus e o diabo, pelo sofrimento passado em procurar sem êxito a família do Mandarim. Então decide dar o seu tesouro para a igreja, para que esta distribua com os pobres.

Teodoro decide voltar para a sua terra natal. Durante toda a sua viagem ele vê a figura do Mandarim, estirada como sempre. Ao chegar, Teodoro desiste do seu palacete, volta para a pensão e para o seu antigo emprego.

Um dia, Teodoro reencontra a figura do diabo no meio da rua. Rapidamente ele pede para que lhe retire toda a fortuna que havia ganhado e que ressuscitasse o Mandarim, pois só assim voltaria a ter paz. Mas a figura do diabo não o atende. Teodoro, arrependido por não ter conseguido o seu objetivo, faz um testamento onde deixa o resto do seu tesouro que estava nos bancos para o demônio, para que ele reparta como quiser.

Ao final da obra, o protagonista da história faz um breve comentário que a depender da interpretação de cada leitor, pode se tornar até uma reflexão: **“ Só sabe bem o pão que dia-a-dia ganham as nossas mãos: nunca mates o Mandarim!”**

Ainda tecendo comentários sobre a narrativa, a obra apresenta apenas uma personagem central e dois secundários. Os demais são figurantes, que perpassam rapidamente pela trama sem se fixarem nela.

Teodoro é o narrador-protagonista. Recebeu o apelido de “enguicho” pela dona da pensão em que vivia, por ser magro, entrar nos aposentos sempre com o pé direito, temeratos e ter sempre à cabeceira do leito uma litografia de Nossa Senhora das Dores. Personagem que valorizava a vida que levava, Teodoro descobre que um dia foi feliz, mesmo sendo um funcionário do governo e residindo numa pensão. Fisicamente era corcovo de tanto vergar o espinhaço na universidade e na repartição, por ser submisso e subserviente. Aos domingos, repousava no canapé da sala de jantar e em fins de tarde dedicava-se a algumas leituras.

A rotina o enfasiava, e por ser ambicioso, desejava enriquecer para realizar alguns desejos que a sua condição social não lhe permitia, como jantar no Hotel Central com champanhe e apertar a mão de viscondessas. Dizia-se incrédulo em Deus e no Diabo, mas rezava para Nossa Senhora das Dores pedindo riqueza material, como se observa,

[...] “Veio-me a idéias de repente que tinha diante de mim o Diabo; mas logo todo o meu raciocínio se insurgiu resolutamente contra esta imaginação. Eu nunca acreditei no Diabo como nunca acreditei em Deus”. (Queirós, Eça de, O Mandarim, cap.I)

Ao ficar rico, Teodoro perde a paz de espírito e sente saudades da época em que vivia com a remuneração que tanto reclamava, porque via naquele tempo que era feliz com pouco dinheiro e que agora era infeliz com muito. [...] “Livra-me das minhas riquezas!” (Queirós, Eça de. O Mandarim, cap. VIII)

O Mandarim é um personagem de idade avançada que morava na Mongólia, cidade da China, vítima de um crime sobrenatural, cujo seu assassinato possibilitou à ascensão social de Teodoro. Este que se apossou de forma ilegal e fantasiosa da fortuna da vítima.

[...] “No fundo da China existe um Mandarim mais rico de que todos os reis de que a fábula ou a história contam.” (Queirós, Eça de. O Mandarim, cap. I)

O Diabo é um personagem fantasioso. É quem tenta Teodoro a tocar a campainha para matar o mandarim chinês. A figura do Diabo está vestida de acordo com o homem burguês contemporâneo. Ele argumenta que o dinheiro pode comprar muitos prazeres como a intensa vida social de teatros, bailes e da companhia de belas mulheres. Argumenta também que matar é garantir o equilíbrio das necessidades universais.

Dona Augusta é a dona da pensão em que residia Teodoro. Viúva que vivia com o empregado cabrita e o tenente couceiro. Foi ela quem apelidou Teodoro de enguiço.

Silvestre é outro personagem da narrativa. Foi ele quem levou a notícia de que tinha chegado uma correspondência de Hong Kong para Teodoro, versando que ele tinha adquirido cento e seis contos de réis.

Sá-to foi o intérprete que ficou a serviço de Teodoro, por ele não saber falar o idioma chinês.

Já Camilloff foi o Embaixador da Rússia em Pequim, que acolheu e apoiou Teodoro a procurar a família do Mandarim.

Vladimira era a esposa de Camilloff. Sonhava morar em Paris e gostava de ouvir histórias de mulheres cortesãs. Talvez por conta disso, comete o adultério, traindo o marido com Teodoro.

O Mandarim tem tempo psicológico, uma vez que o personagem revive os acontecimentos através de lembranças, ou seja, em flash-back.

Convém ressaltar que há dois tipos de classificação do tempo: o da narrativa e o do narrador. O primeiro indica o distanciamento entre o tempo dos acontecimentos e o tempo

do narrador. Já o segundo, é relacionado ao momento em que o narrador está contando a trama. Mas com a narrativa, em sua totalidade, o tempo começa na mocidade e vai até os últimos anos de vida de Teodoro.

Em *O Mandarim*, o espaço é múltiplo, não se concentra em um único lugar. Pode-se dizer que a trama se desenvolve mais em Lisboa e na China.

Lisboa é o lugar onde tudo começa, porque era lá onde Teodoro morava. Sua viagem para a China se dá porque vai à procura da família do mandarim, para esposar alguém e assim, remediar o mal que fizera.

Seu percurso total foi de Lisboa à Ásia Oriental, passando por várias cidades como Pequim, Tien-Tsin até chegar a Tung-Chou, como mostra,

[...] “Visitei, na sua ordem clássica, Paris, a banal Suíça, Londres, os lagos taciturnos da Escócia: Ergui a minha tenda diante das muralhas evangélicas, de Jerusalém, e de Alexandria à Tebas, fui ao comprido desse longo Egito monumental e triste como corredor dum mausoléu.” (Queirós, *Eça de*. cap. III)

A obra estudada ainda apresenta uma linguagem satírica e irônica com o intuito de criticar os costumes da sociedade burguesa do século XIX, considerados decadentes sob o ponto de vista da moralidade. Algumas passagens da obra ilustram as características da linguagem, além de ironizar o comportamento humano. O personagem Teodoro se diz descrente, no entanto, faz orações a Nossa Senhora das Dores, como se pode vê,

[...] “As felicidades haviam de vir; e para apressá-las eu fazia tudo o que devia como português e como constitucional: fazia orações e pedia-a todas as noites a Nossa Senhora das Dores, e comprava décimos da loteria”. (Queirós, *Eça de*. *O Mandarim*, cap. I)

[...] “Não, não acredito! Céu e Inferno são concepções sociais para o uso da plebe – e eu pertenço à classe média. Rezo, é verdade, a Nossa Senhora das Dores: porque, assim como pedi o favor do senhor doutor para passar no meu acto”. (Queirós, *Eça de*. *O Mandarim*, cap. I)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em princípio, é importante perceber que a tipologia de caráter, do temperamento do personagem Teodoro, foi criada pelo escritor Eça de Queirós, assim como boa parte de seus personagens, sob a influência da fisiologia do francês Claude Bernard, que era considerado por Queirós, como o fundador do Realismo-Naturalismo, em vez de Emile Zola. Dessa forma, percebe-se no romance “O Mandarim” uma predisposição de Teodoro, personagem principal do livro, ao pessimismo.

Além disso, o personagem também demonstra um caráter ambicioso. Teodoro era racionalista, que só acreditava nos fenômenos prático-factuais em detrimento de toda a imaginação metafísica ou religiosa.

No entanto, pode se ver que há uma grande contradição com o conto de Eça de Queirós. Ele marca o seu personagem com um sonho de riqueza, e o depara a uma superstição religiosa no que diz respeito a sua fé mediana em Nossa Senhora das Dores, é o paradoxo da obra.

Em O Mandarim, o personagem Teodoro representa uma miríade de Teodoros reais, não só do século XIX, mas também, os Teodoros da nossa atualidade que se ampara no seu instinto de auto-conservação e por serem ainda, no fundo de seu espírito, homens de superstições religiosas.

É baseado nessa contradição, que Eça de Queirós torna o seu livro “O Mandarim” em uma descoberta de novos conceitos frente ao realismo. Ele busca em sua obra, mostrar

que o misto do real, do fantástico e do imaginário, dá um resultado agradável e diferente. O que torna “O Mandarim” uma obra de leitura prazerosa.

Frente ao Realismo, pode-se dizer que a obra Queirosiana “mexe” também um pouco com a sociedade da época. Na primeira fase de seu realismo, Eça põe a burguesia como seus principais figurantes e personagens, isso porque os elementos que compunham a obra realista eram principalmente os burgueses, a sociedade fidalga, a monarquia e todos os elementos que possuíam ricos dotes, faziam parte dessa época. Percebe-se isto muito bem em “Os Maias” e em outras obras-primas do autor.

Já na segunda fase do realismo de Eça de Queirós, onde o autor lança a sua primeira composição “fantástica”, O Mandarim, onde encontram-se personagens que nunca em toda aquela época podiam ser visto em nenhuma obra literária. Um simples funcionário pobre do Reino. Alguém que jamais teria vez em lugar algum, tornou-se o protagonista da narrativa.

Permeando ainda pela estrutura do conto, encontram-se também outros personagens que não possuem riquezas e que são discriminados pela sociedade burguesa da época. D. Augusta, dona de uma simples e pequena pensão; Vladimira, mulher adúltera que traiu seu marido com o protagonista Teodoro, entregadores de cartas, dentre outros. Todos esses personagens ganham lugar de destaque em O Mandarim, o que era uma afronta, até mesmo para outros escritores e adeptos do realismo, que não admitiam em hipótese nenhuma, que os literatas da época, fugissem ao uso das principais características e elementos da fase literária.

Ainda com relação ao realismo da obra, alguns críticos literários teceram comentários sobre a segunda fase de Eça de Queirós. Elenir Aguilera de Barros em seu livro “Conto Realista”, fala que depois de toda a insatisfação cristalizada pelas atitudes do romantismo, surge o realismo, causando uma revolução no momento histórico, político e

social do século. Segundo Aguilera, depois de muitas lutas travadas entre os movimentos literários, onde os intelectuais portugueses com suas idéias e estereótipos literários desgastados, se “digladiavam” com os jovens ousados de ideais inovadores, estes que conseguiram incutir nas consciências, que o realismo poderia ser considerado como a nova literatura e a nova expressão da arte. Dentre eles está Eça de Queirós, que dava margem à muitas críticas, pois retratava em suas obras a sociedade portuguesa do tempo, com isso, geravam acirradas disputas jornalísticas. Outras críticas acerca do autor, se deram também a partir das publicações de *A Relíquia* e *As Farpas*, citadas em um dos capítulos acima. Elas são um bom exemplo de obras consideradas pelos realistas, como não-literárias.

Mas para Elenir Aguilera, o realismo foi talvez a única fase literária que por ter firmado esse grupo de jovens inovadores e que ficou conhecido como os escritores da Geração de 70, merece o rótulo de literatura portuguesa. O realismo sacudiu as consciências nacionais, alimentou discussões, disputas e controvérsias por mais de duas décadas. Ascendeu Eça de Queirós, que buscou inovar com seus contos e narrativas de diferentes facetas. E é por essas e outras, que Eça de Queirós é considerado o romancista por excelência do Realismo em Portugal.

Já para Beatriz Berrini, em sua *Obra Completa sobre Eça de Queirós*, apesar de o autor iniciar as suas publicações irreverentes e de vendê-las tanto em Portugal como no Brasil, Eça de Queirós queixava-se, pelo simples fato de a crítica silenciar a seu respeito. Ainda segundo Berrini, além do Brasil, este que tinha e tem um público leitor ávido por seus romances, na Europa e Estados Unidos, ainda hoje, Eça de Queirós é um dos autores mais pesquisados e investigados pela grandeza e riqueza de suas obras. Ele realmente nos dá um vasto campo de observação e de conclusões a respeito do Realismo

Tanto na sua primeira fase quanto na segunda, o autor revela uma predisposição em enriquecer os conhecimentos da fase literária aqui estudada. Com *O Mandarim*, ponto principal de partida da sua segunda fase realista, o autor mostra uma visão totalmente diferente do realismo tido como “desgastado”. Eça inova com a riqueza de suas narrativas e contos e leva outros autores e críticos a descobrirem que suas obras realmente possuem elementos inovadores, e a considerarem o Realismo como uma nova expressão da arte.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Leodegário A. Filho. **Literatura Portuguesa**. In: História e Emergência no Novo. Niterói, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. Universidade Federal Fluminense – EDUF/PROED, 1987.

BARROS, Elenir Aguilera. **Conto Realista**. In: Literatura Portuguesa. Literatura em Perspectiva. São Paulo: Global, 1985.

BERRINI, Beatriz. **Eça de Queirós**. Obra Completa em quatro volumes. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A, 1997.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à Literatura no Brasil**. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira SA, 1983.

GONÇALVES, Hortência de Abreu. **Manual de Monografia da Universidade Tiradentes**. Aracaju: UNIT, 2003. 40p. il.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONE, Mariana de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 3. ed. rev. e ampliada. São Paulo: Atlas, 1991.

QUEIRÓS, Eça de. **O Mandarim**. Porto. Lelo & Irmão – Editores, 1951.

TRALDI, Maria Cristina. DIAS, Reinaldo. **Monografia Passo a Passo**. 4ª ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2004.